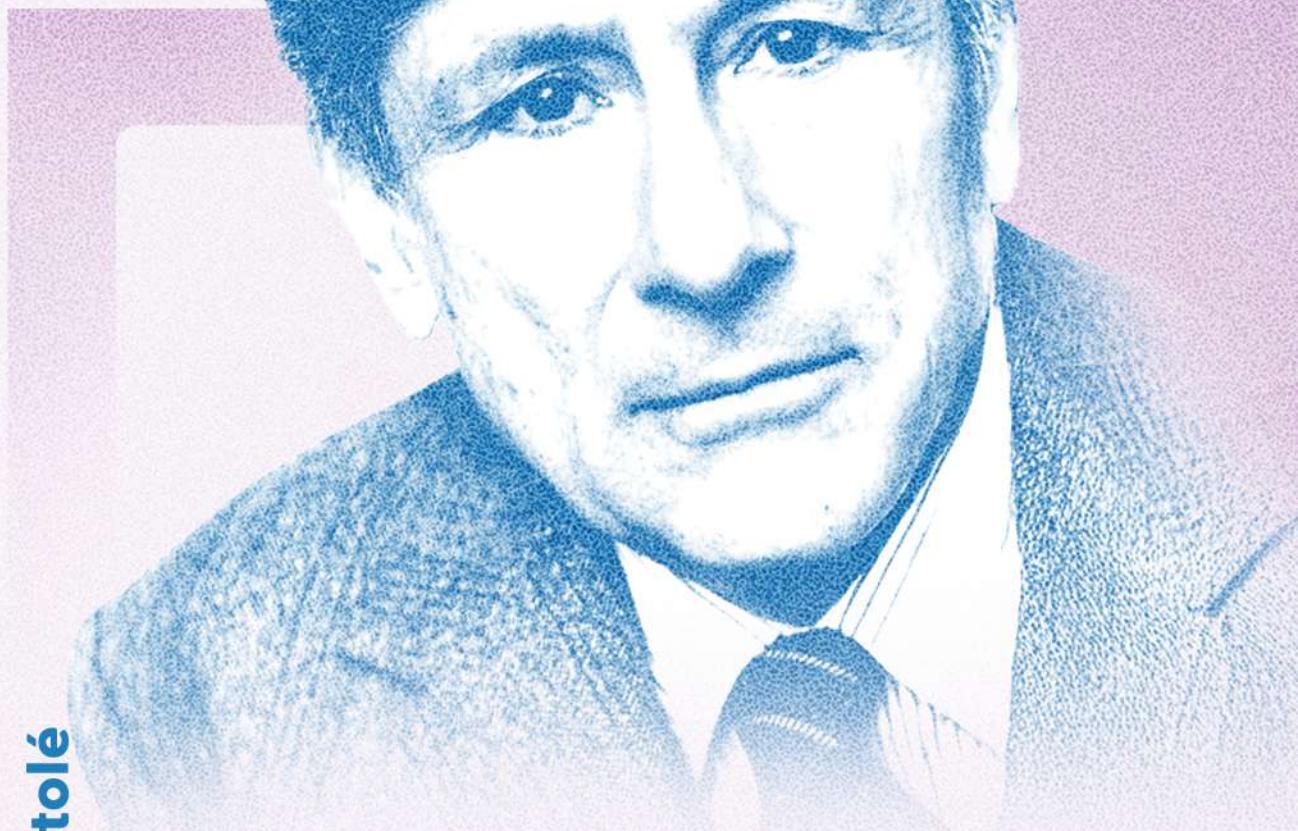


SOCIOLOGIA

com Vivianne Catolé



**Globalização e novos
intercâmbios sociais**



GLOBALIZAÇÃO E NOVOS INTERCÂMBIOS SOCIAIS

“A globalização é um totalitarismo. Totalitarismo que não precisa nem de camisas verdes, nem castanhas, nem suásticas. São os ricos que governam e os pobres vivem como podem.”

José Saramago, escritor português (1922 - 2010)

O século XX foi palco de inúmeras transformações históricas que marcaram, definitivamente, a organização do mundo e, dentre elas, está o advento da globalização. Enquanto processo, a globalização ampliou-se com o desenvolvimento do capitalismo, condição fundamental para sua dimensão alcançada no final da Guerra Fria entre os anos 1980 e 1990.

A globalização interliga o planeta, mas não distribui seus benefícios de forma equitativa. Para Zygmunt Bauman, há uma clara divisão entre os que se beneficiam e os que são deixados à margem:



“A globalização pode ser definida como a liberdade dos poderosos de agir como quiserem — e a incapacidade dos demais de detê-los.”

Zygmunt Bauman, *Em busca da política*, 2000.

O conceito de "classes globais" surge aqui: uma elite transnacional altamente móvel, que vive conectada, e uma maioria cada vez mais "enraizada e vulnerável", exposta à precarização do trabalho, à migração forçada e à insegurança social.

O PENSAMENTO ÚNICO

- * Concepção evolucionista da história e a crença irrestrita no progresso;

- * A partir dos anos 90, o pensamento neoliberal passou a ser difundido como o único possível para orientar políticas econômicas e sociais;

- * TINA: “There Is No Alternative” (Não há alternativa), frase utilizada pela primeira-ministra britânica Margaret Thatcher num discurso;



ALDEIA GLOBAL

“A nova interdependência eletrônica recria o mundo em uma imagem de aldeia global.”

Marshall McLuhan, livro *The Gutenberg Galaxy* (1962)

Para o pensamento único, a globalização é um momento de realização do sonho de reduzir o mundo a uma única aldeia global, onde a tecnologia permitiria a difusão imediata das notícias e manteria toda a população informada, bem como tornaria as distâncias (incluindo as físicas) entre os diferentes locais menor e resultaria numa identidade e cidadania universal e homogênea.

A globalização promove a difusão de valores, comportamentos e produtos culturais, criando o que muitos chamam de “cultura global”. Porém, essa uniformização cultural gera resistência.

“A globalização é também a era dos nacionalismos, das identidades e das resistências locais.”

Arjun Appadurai,
Modernidade sem Fronteiras, 1996.



Ele propõe que a globalização cultural é dialética: ao mesmo tempo que padroniza, gera reações de afirmação cultural, como os movimentos indígenas, quilombolas ou de periferias urbanas.

HERBERT MARSHALL MCLUHAN (1911-1980)

- * Filósofo e teórico da comunicação canadense;
- * Suas pesquisas influenciaram a mídia e a publicidade, prevendo, em 1960, a existência da rede mundial de computadores 30 anos antes de sua criação;
- * Tratou da cultura audiovisual e a nova identidade coletiva numa nova organização social (Aldeia Global), que substituiria as antigas formas de escrita e identidade individual.



PRINCIPAIS CONSEQUÊNCIAS

- * Mundialização do capitalismo
- * Generalização das culturas e valores
- * Mundialização sistema financeiro – Transnacionais
- * Exaltação do livre mercado
- * Aumento tecnológico na comunicação e transporte



A GLOBALIZAÇÃO E O ESTADO

A 'globalização' nada mais é que a extensão totalitária de sua lógica [dos mercados financeiros globais] a todos os aspectos da vida. Os Estados não tem recursos suficientes nem liberdade de manobra para suportar a pressão – pela simples razão de que "alguns minutos bastam para que empresas e até Estados entrem em colapso". (BAUMAN, 1999, p. 73)

- * O fenômeno da globalização diminuiu consideravelmente o poder dos diferentes Estados
- * A ausência de um Estado Global forçou os países a se organizarem entre si para lidar com problemas globais – cedência de uma parcela da SOBERANIA DOS ESTADOS
- * A globalização diminui a liberdade do Estado para regular a economia em seu território – fluidez das multinacionais
- * A globalização diminui a possibilidade de escolhas DEMOCRÁTICAS. O Estado passa a regular as medidas econômicas que atendam aos interesses das multinacionais e as políticas sociais que procuram atenuar os efeitos globalizantes sobre os mais pobres.

CRÍTICAS À VISÃO IDÍLICA DA GLOBALIZAÇÃO

Milton Santos (geógrafo baiano) vai destacar sociologicamente que a distribuição de riqueza e poder são capazes de explicar as desigualdades sociais (internacionais e locais);

O caráter ideológico do "pensamento único" ignora propositalmente contradições importantes, como:

- * Alta velocidade de notícias não garante informação democrática e verdadeira;
- * Encurtamento de distâncias só abrange quem possui condições financeiras;
- * Aumento das diferenças regionais, disputas étnicas e movimentos separatistas;
- * Livre concorrência não melhora a qualidade do produto nem a demanda do seu consumo a menores preços;
- * Métodos predatórios de trabalho, exploração sexual e infantil;
- * Aumento do consumismo e da cultura de massa.

É POSSÍVEL PENSAR UMA GLOBALIZAÇÃO MAIS HUMANA?

A globalização é frequentemente associada à integração de mercados, ao avanço tecnológico e à circulação acelerada de pessoas, bens e informações. No entanto, sob o olhar da sociologia crítica, esse processo não é neutro: ele expressa e aprofunda relações desiguais de poder entre países, classes sociais e grupos culturais. A questão que se coloca é: é possível reorientar esse processo em direção a uma globalização mais humana e justa?

“Outro mundo é possível.”

Slogan do Fórum Social Mundial

O Fórum Social Mundial, criado em 2001 como alternativa ao Fórum Econômico de Davos, é um exemplo de articulação global em favor de justiça social, democracia participativa e desenvolvimento sustentável.

ALTERNATIVAS SOCIOLOGICAS À GLOBALIZAÇÃO HEGEMÔNICA

Apesar desse cenário, sociólogos contemporâneos afirmam que a globalização não é um fenômeno imutável, mas sim um campo de disputas sociais e políticas. Boaventura de Sousa Santos, por exemplo, propõe a ideia de "globalizações contra-hegemônicas", ou seja, formas alternativas de globalização baseadas na solidariedade, na justiça social e no respeito às diversidades culturais:

“A globalização hegemônica não é a única possível. Existem globalizações alternativas construídas por movimentos sociais, povos tradicionais e organizações de base.”

Boaventura de Sousa Santos

Essas propostas passam pela defesa de direitos sociais universais, redistribuição de riquezas, respeito ao meio ambiente e pela construção de uma cidadania planetária, que articule direitos locais com responsabilidades globais.



SUSTENTABILIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL GLOBAL

Muitos sociólogos e ativistas defendem que a globalização precisa ser ambientalmente responsável e enfrentar as desigualdades climáticas. Os países e populações mais pobres são os que menos causam a crise ambiental, mas mais sofrem com seus efeitos.

“Não se pode pensar justiça social sem justiça ambiental.”

Boaventura de Sousa Santos

Uma globalização justa requer a redistribuição dos custos ambientais, o fim da lógica extrativista e o fortalecimento de economias locais e circulares.

DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO ÀS TECNOLOGIAS

O acesso desigual à informação e à internet gera o que Manuel Castells chamou de “exclusão informacional”. Uma globalização justa deve garantir:

- * Inclusão digital real
- * Educação tecnológica de qualidade
- * Propriedade pública ou comum de plataformas e dados

“ *O acesso à informação se tornou um novo fator de desigualdade.”*

Manuel Castells



O PAPEL DOS MOVIMENTOS SOCIAIS E DA CIDADANIA GLOBAL

Experiências como o Fórum Social Mundial, iniciado em 2001 com o lema “Outro mundo é possível”, expressam a busca por um modelo de globalização mais ético. Esses espaços reúnem movimentos de trabalhadores, ambientalistas, feministas, povos indígenas e outros grupos que resistem à lógica excluente da globalização econômica.

Essa resistência mostra que uma globalização mais justa não será uma concessão do mercado ou dos Estados dominantes, mas sim o resultado de pressões sociais organizadas e solidárias, capazes de influenciar políticas públicas e redefinir as prioridades globais.

TRABALHO DECENTE E ECONOMIA INCLUSIVA

Para Ricardo Antunes, uma globalização justa deve enfrentar a precarização crescente do trabalho, que se espalha com as plataformas e o “empreendedorismo por necessidade”.

“ *A luta por trabalho digno é parte da luta por uma globalização mais humana.”*

Ricardo Antunes

Propostas como renda básica universal, regulação do trabalho digital e fortalecimento dos sindicatos globais ganham força nesse debate.



ANOTAÇÕES

Estamos juntos nessa!



CURSO
FERNANDA PESSOA
ONLINE

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.